



Ano I Nº 313  
11 de Fevereiro de 2009

### Índice

Trabalhadores protestam na Scania	01
Sindicatos de metalúrgicos resistem a demissões	02
Lula acirra críticas ao protecionismo dos EUA	03
PDV na General Motors	04
A indústria militar e a exaustão do capitalismo	05

## INTERNACIONAL

### Trabalhadores protestam na Scania

Manifestação é contra demissão de trabalhadores de empresas terceirizadas

Os trabalhadores da Scania, em São Bernardo, realizaram na manhã desta terça-feira (10/02) ato em defesa do emprego e dos direitos dos trabalhadores das empresas terceirizadas.

A manifestação ocorreu depois que a All Service, prestadora de serviços de limpeza, demitiu 15 funcionários alegando que passa por dificuldades.

“Nossas palavras de ordem são solidariedade, resistência e luta”, afirma o coordenador do SUR (Sistema Único de Representação), Daniel Calazans. Na Scania existem 42 empresas que prestam serviços, empregando cerca de 400 trabalhadores.

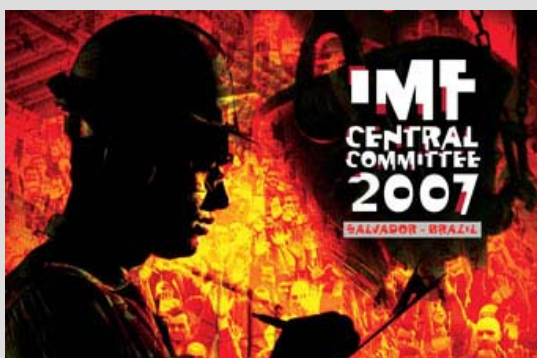
Durante o ato, os trabalhadores cobraram responsabilidade social das terceirizadas e também da montadora. “O trabalhador não pode pagar essa conta. O SUR entende que o momento é de entendimento, de negociar alternativas que não sejam a demissão ou a retirada de direitos”, afirma Calazans.

Para o sindicalista, neste momento em que os patrões apostam na divisão dos trabalhadores, o importante é manter a unidade. Durante a manhã desta terça-feira foi instalado um espaço permanente de negociação para buscar alternativas aos trabalhadores nas terceirizadas que não seja a retirada de direitos.

Para o SUR, o importante é manter a solidariedade, marca dos trabalhadores metalúrgicos do ABC. “Se as terceiras insistirem em demitir os trabalhadores, novos atos serão realizados”, conclui. Tribuna Metalúrgica [www.abcdmaior.com.br](http://www.abcdmaior.com.br)



### É Mundial a luta contra a precarização do Trabalho



Desde novembro de 2007, quando representantes de 25 milhões de metalúrgicos de todo o mundo reuniram-se na Bahia na reunião do Comitê Central da Federação Internacional dos Trabalhadores Metalúrgicos (FITIM), a luta contra o trabalho precário é uma importante bandeira de luta dos sindicatos metalúrgicos.

O trabalho precário pode ser definido não são só como aquele que não dá garantias de benefícios (PJ's, terceirizados e estagiários), mas também como trabalho escravo, forçado, infantil, fraudulento, etc.

## **Sindicatos de metalúrgicos resistem a demissões**

Sindicatos resistem às demissões e aos acordos propostos pelas empresas. Em Horizontina, Noroeste do RS, trabalhadores fizeram empresa suspender demissões.

Sindicatos de trabalhadores metalúrgicos resistem às demissões e à flexibilização das jornadas de trabalho que se espalham por todo o país. Na cidade de Horizontina, no Noroeste gaúcho, o sindicato da categoria levou à Justiça as 502 demissões promovidas pela fabricante de máquinas agrícolas John Deere.

Já na primeira audiência no Tribunal Regional do Trabalho ocorrida na semana passada em Porto Alegre (RS), os metalúrgicos conseguiram suspender temporariamente as demissões. O próximo passo, afirma o presidente do sindicato do município, Alcindo Kempfer, é tentar um acordo que não seja tão prejudicial aos trabalhadores quanto as demissões.

"Nós deixamos três propostas na mesa pra eles [empresa]. A primeira seria um programa de demissão voluntária. A segunda, a suspensão do contrato de trabalho temporariamente com uma bolsa qualificação, em que uma parte pode ser paga pela empresa e a outra com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador [FAT]. A terceira, reduzir jornada de trabalho com redução de trabalho. A nossa preferência é pela suspensão do contrato de trabalho", diz. Raquel Casiraghi Agência Chasque de Notícias

## **Demissões totalizam 6,7 mil em MG**

O agravamento da crise internacional preocupa metalúrgicos das regiões do Vale do Aço e do Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais, onde mineradoras e empresas de autopeças já demitiram, desde novembro, 6,7 mil trabalhadores, segundo sindicatos locais. A situação mais grave ocorre em Sete Lagoas, onde os cortes realizados nos últimos dois meses somam 3,6 mil, em uma base que antes era de 11 mil trabalhadores, segundo o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do município, Ernane Geraldo Dias. " Parece que passou um furacão por aqui, ninguém esperava tantas demissões ", afirmou.

O município, que possui 21 empresas e 21 fornos, representa 40% da produção de ferro-gusa do Estado. Segundo Dias, desse total, apenas quatro mineradoras estão operando. No setor de ferro-gusa, houve 3,2 mil demissões, sendo que o último corte, de 220 pessoas, foi feito nesta semana pelas Usisete e pela Sideúrgica Barão de Mauá. No segmento automotivo e de autopeças, afirmou Dias, houve 400 demissões, sendo 180 realizadas pela Iveco em outubro de 2007. Há preocupação de que a empresa efetue cortes na unidade, onde 1,5 mil metalúrgicos estão em férias coletivas até hoje. A empresa demitirá no mundo 1,2 mil pessoas.

Outra fonte de preocupação, segundo o assessor sindical da Metabase de Itabira Efraim Gomes de Moura, é com os 14 mil metalúrgicos que trabalham direta ou indiretamente para Vale, na região do Quadrilátero Ferrífero. Em Itabira, o número de demissões cresceu significativamente após a decisão da empresa de demitir 62 empregados no município e outros 392 que trabalhavam para a ferrovia Minas-Espírito Santo. Segundo o sindicato, 1,8 mil trabalhadores de empresas que prestavam serviços à Vale foram demitidos, reduzindo a base de metalúrgicos do município para 5,5 mil trabalhadores. Em Congonhas também houve desligamento de 1 mil trabalhadores que prestavam serviços à empresa, afirmou Moura. " Existe uma grande preocupação de que a empresa decida fazer cortes em unidades que atualmente estão em férias coletivas, como o caso da mina Cauê e a mina de Brucutu " , afirmou.

A Vale negocia com sindicatos de todo o país a suspensão temporária dos contratos de trabalho, mas não informou o número de empregados que seriam atingidos com a medida. A medida já foi adotada para 43 funcionários de uma unidade da Vale em Corumbá (MS). Em dezembro, a empresa dispensou 1,3 mil postos de trabalho. Hoje, 5.050 empregados estão em férias coletivas.

Em Ipatinga, os temporários sofrem os efeitos da crise. Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos do município, a Usiminas demitiu em torno de 300 trabalhadores terceirizados. A empresa, que gera 22 mil empregos no município, ainda discutirá se fará novos cortes. *(Cibelle Bouças) (Valor Online, 14.01.2009)*

## Lula acirra críticas ao protecionismo dos EUA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva elevou o tom para criticar o item "Buy American" (comprar produtos americanos) do pacote dos Estados Unidos e cobrou que a maior economia do planeta pratique o livre comércio que sempre impôs aos países pobres.

"Imagine se cada país cercar sua fronteira e disser que não vai ter mais nada de estrangeiro, o que vai acontecer? Dizem que peixe morre pela boca. Eles [EUA] pregaram tanto o livre comércio que a única coisa que eu quero é que pratiquem o que falaram, só isso", disse em entrevista no Itamaraty.



O ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, advertiu ontem que o Brasil poderá, "se necessário", abrir uma controvérsia (queixa) com os Estados Unidos na Organização Mundial do Comércio (OMC) se a cláusula "buy american" (compre produto americano) for sancionada pelo presidente americano, Barack Obama. De caráter protecionista, a medida faz parte do pacote de estímulo econômico aprovado ontem pelo Senado americano. O texto deverá ser harmonizado com a versão da Câmara antes de ser submetido ao aval de Obama.

A cláusula prevê que insumos do setor siderúrgico e manufaturas destinadas a obras públicas incluídas nesse pacote sejam fornecidos por empresas locais ou por países com os quais os EUA tenham acordos de compras governamentais. Esse universo se resume à União Européia, ao Canadá e ao México. O Brasil e outros potenciais fornecedores estarão excluídos desse mercado.

Amorim alertou ainda que, se prevalecer, a iniciativa americana tende a alimentar um círculo protecionista que prejudicará o próprio interesse dos Estados Unidos

Conforme a Folha de S.Paulo apurou, o ministro Celso Amorim (Relações Exteriores) se reuniu com assessores da área de comércio para discutir as medidas, ao mesmo tempo em que determinava à área jurídica do ministério que faça dois cruzamentos das medidas: um com as regras da OMC e outro com as exportações brasileiras para os EUA, sobretudo de aço.

A intenção é averiguar quatro situações: 1) se o pacote contrariar normas da OMC e prejudicar o Brasil, o país poderá questioná-lo na OMC; 2) se estiver de acordo com a OMC mas em desacordo com o país, poderá gerar protestos diplomáticos; 3) se agredir a OMC, mas não o Brasil, o país poderá entrar como "terceira parte interessada" para observar eventuais processos; 4) se as medidas estiverem em consonância com a OMC e forem inofensivas para o Brasil, a intenção do Planalto é se posicionar contra a "ideologia do nacionalismo". (*O Estado de São Paulo, 11.02.2009 e Folha de São Paulo, 12.02.2009*)

### Protecionismo vem com a crise

Miguel Jorge alerta para chegada do protecionismo com a crise internacional

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Miguel Jorge, disse ontem (9) que o aumento do protecionismo será mais um dos problemas que a crise internacional trará para a economia brasileira. Miguel Jorge alertou para possíveis dificuldades no comércio internacional e disse que o governo está atento para tomar medidas, caso seja necessário.

"Temos que nos preocupar com o protecionismo, que virá, com certeza", disse o ministro, em discurso na sede da Abef, em São Paulo. "De forma mais ou menos velada, os países vão tentar proteger suas economias contra a queda das exportações causada pela crise internacional."

Miguel Jorge afirmou que, caso o país se sinta prejudicado, deve procurar seus direitos na Organização Mundial do Comércio (OMC). Ele descartou, entretanto, pelo menos neste momento, aumento de impostos de importados, até porque isso precisaria ser feito de forma coordenada com outros países membros do Mercosul. (*Vinicius Konchinski, Repórter da Agência Brasil, 10.02.2009*)

## PDV na General Motors

A General Motors (GM) ofereceu um plano de demissão voluntária a seus 62 mil operários membros do sindicato americano **United Auto Workers (UAW)**. Desses, 22 mil são convidados a anteciparem aposentadoria.

A proposta tem como objetivo permitir à GM contratar novos operários com salários e com custos sociais mais baixos. A decisão é a manobra da companhia para cortar custos em conexão com os empréstimos de US\$ 13,4 bilhões obtidos do governo norte-americano em dezembro.

De acordo com a oferta, os funcionários devem deixar o grupo até 01/04. Ela está relacionada ao anúncio feito pela empresa na última terça-feira (10), de que cortará 10 mil empregos de seus funcionários administrativos no mundo ainda este ano.

A direção da GM espera que pelo menos 11 mil mecânicos aceitem a proposta de demissão voluntária, que consiste em US\$ 20 mil de indenização e um bônus de US\$ 25 mil para a compra de um novo veículo. O plano "foi oferecida a todos", declarou à agência de notícias AFP Tom Wilkinson, um porta-voz da empresa.

Ao longo do final de semana, GM e representantes sindicais vão acelerar as discussões sobre outras formas para reduzir custos trabalhistas, incluindo a possível diminuição do pagamento suplementar para funcionários que foram dispensados e o afrouxamento de regras sindicais.

De acordo com dados fornecidos pelas montadoras, a companhia gasta US\$ 1,3 mil a mais do que a Toyota em custos trabalhistas para cada carro que fabrica. A norte-americana esperava acabar com essa diferença até 2012, mas os termos do empréstimo do governo exigem que isso ocorra mais rapidamente. A contrapartida seria a elevação dos recursos do BNDES para projetos de infraestrutura e empreendimentos tocados por empresas brasileiras na Argentina. *(Abril, 12.02.2009)*

## Governo vai apurar dumping no aço da Ásia

Siderúrgicas nacionais denunciaram prática desleal em produtos da China e da Coreia do Sul

O governo vai acompanhar de perto as importações de aço para verificar se está havendo, como alega a indústria siderúrgica nacional, prática de dumping (preço abaixo do custo de produção), informou ontem o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Miguel Jorge. Caso seja constatada a concorrência desleal, principalmente na entrada de produtos de aço da Ásia, o governo poderá adotar medidas antidumping.

Nos últimos dias, o setor tem criticado a entrada de produtos de aço da China e da Coreia do Sul, na tentativa de reduzir estoques após a queda das vendas nos países desenvolvidos. Segundo empresas do setor, esses países estariam cobrando valores excessivamente baixos.

"Acompanharemos de perto para ver se estão sendo exportados a preços de referência internacional ou se está havendo dumping", afirmou Jorge. "Temos medidas que podem ser tomadas no âmbito da OMC (Organização Mundial do Comércio) e as aplicaremos sempre que for necessário." Ele lembrou que as regras para medidas antidumping foram modificadas recentemente e agora o processo é mais rápido.

Miguel Jorge citou ainda que o governo estuda a possibilidade de aplicação de antidumping sobre a fibra de viscose, matéria-prima da indústria têxtil. O produto estaria entrando no Brasil por preços desleais, vindo da Tailândia. "Estamos muito atentos, acompanhando de perto principalmente alguns produtos, para que não afete a indústria nacional." *(Alexandre Inacio) (O Estado de São Paulo, 10.02.2009)*

## A indústria militar e a exaustão do capitalismo

Mauro Santayana

Publicado há oito anos, quando a economia globalizada parecia vitoriosa, o estudo mais lúcido sobre a atual crise é o de Seymour Melman, *After capitalism* (Depois do capitalismo, na edição brasileira). Melman – que critica ao mesmo tempo o sistema capitalista do Ocidente e a experiência socialista – vai ao ponto principal: a sociedade industrial de nosso tempo perdeu-se na corrida armamentista.

A partir dos Estados Unidos, o maior produtor de tecnologia e de instrumentos bélicos, o mundo passou a ser regido pelo medo do apocalipse. Ao lado dessa constatação, o professor de engenharia industrial na Universidade de Colúmbia retorna à tese marxista da alienação, ao examinar a queda do feudalismo e a transformação dos artesãos, que eram criadores do que produziam, em operários anônimos. O assunto, como se sabe, é bem tratado de forma teórica por Marx em seus Manuscritos econômicos e filosóficos, publicados em 1844, quatro anos antes do Manifesto comunista (1848) e 23 anos antes do primeiro volume de *O capital* (1867). A Revolução Industrial, sobretudo a partir da aceleração ocorrida na segunda metade do século 19, com a introdução de novas fontes de energia, e a conquista, pela força, dos mercados coloniais, com o saqueio de recursos naturais, fez com que se associassem os militaristas, os banqueiros e a burguesia manufatureira.

A produção militar norte-americana sufocou outros setores industriais. Sempre que houve a tentativa de conversão da indústria bélica à produção civil, os lobistas do complexo industrial militar, denunciado por Eisenhower, atuaram junto ao Poder Executivo e ao Congresso, para garantir seus interesses. As recentes revelações sobre a ação clandestina da CIA mostram que também a agência a eles se juntou, com atos de provocação que justificavam a competição militar durante a Guerra Fria. Melman aponta momentos críticos, nos quais a ação coordenada dos poderosos impediu a retomada da indústria de paz. Um deles ocorreu entre 1963 e 1964, quando já se planejava a guerra do Vietnã. Foi assim que se criou a famosa teoria do dominó, para justificar a invasão da Indochina.

A propósito do Vietnã, o autor transcreve trecho de uma carta de Ho Chi Min, de 16 de fevereiro de 1946, ao presidente Truman, pedindo que seu país fosse tratado como as Filipinas. "Como os filipinos, disse, nossa meta é a independência completa e ampla cooperação com os Estados Unidos". Esse documento, oculto do grande público, mostra que outras poderiam ter sido as relações entre os dois países e entre outras nações – se o poder corruptor da indústria militar não intervisse.

Calcula-se que o custo da capacidade militar excedente às suas necessidades, o chamado overkill, só nas armas nucleares, entre 1940 e 1996, tenha sido de 5 trilhões e 355 bilhões de dólares. Ao mesmo tempo, o custo de todas as fábricas e equipamentos da indústria manufatureira dos Estados Unidos era, em 1996, estimado em 1 trilhão e 481 bilhões de dólares.

A conclusão de Melman é a de que a corrida armamentista provocou o sucateamento da indústria pesada, da construção naval à siderurgia, enquanto novos polos de produção, como os da Alemanha e do Japão, se expandiam. Quase todos os economistas atribuem a rápida recuperação econômica dos japoneses e alemães à proibição de que produzissem armas e reconstruíssem seus exércitos. Desde a crise do petróleo, nos anos 70, o modelo de sociedade industrial como um todo começou a exaurir-se. O novo liberalismo se apresentou como "salvador" do sistema, mas se tratou de mero conluio entre bandidos, como os fatos revelam.

O livro cuida de outros assuntos, entre eles o da democratização das decisões nos centros de produção e de serviços, de forma a aliviar a alienação dos trabalhadores, e lhes proporcionar participação efetiva nas decisões políticas, a partir da base da sociedade. É uma visão otimista. Mas isso não parece viável em prazo hábil, quando até mesmo o projeto tímido de reformas, proposto por Obama, encontra a resistência dos poderes de fato dos Estados Unidos. Só a mobilização, permanente e decidida, dos cidadãos, poderá impor o mínimo de razão aos estados. Estamos sob a ameaça da ruptura dos frágeis liames da convivência social, com o desemprego e a explosão da miséria, e o desastre do aquecimento global, em consequência da demência generalizada. Só a razão política – esse raro atributo ético dos homens – nos poderá salvar. (*Jornal do Brasil*, 08.02.2009)

Brasil Metal Internacional é o boletim informativo eletrônico sobre as questões internacionais que afetam os metalúrgicos brasileiros. Ele é produzido pela Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM/CUT  
Secretário Geral: Valter Sanches [internacional@cnmcut.org.br](mailto:internacional@cnmcut.org.br)